

Plano econômico corre sério risco

Rio — Uma guerra prolongada no Golfo Pérsico poderá levar o Plano Collor a fazer água definitivamente. A disparada nos preços do petróleo alimentará a inflação diretamente, porque forçará um reajuste nos preços dos combustíveis para compensar o aumento dos gastos com a importação do petróleo; e indiretamente, já que o combustível entra na composição da planilha de custos de um sem número de produtos.

O ex-presidente do Banco Central, Carlos Geraldo Langoni, acredita que a simples deflagração da guerra elevará as cotações do petróleo para um patamar superior a 40 dólares o barril e, havendo a destruição de áreas de refino ou de instala-

ções portuárias, o barril chegará facilmente a 60 dólares.

Vale lembrar que, no ano passado, a inflação assumiu uma tendência altista a partir da invasão do Kuwait pelo Iraque, em 2 de agosto, fazendo com que o Índice de Reajuste de Valores Fiscais (IRVF) atingisse 10,58 por cento naquele mês, 12,85 por cento em setembro, 13,71 por cento em outubro, 16,64 por cento em novembro e 19,39 por cento em dezembro.

BENEFÍCIOS

Lamgoni acha, entretanto, que, se a guerra for rápida, trará benefícios para o Brasil e para o mundo. Pelos seus cálculos, o petróleo no mercado spot (à vis-

ta) se estabilizará em torno de 25 dólares o barril, com o fim dos conflitos no Golfo Pérsico. "Com o fim das incertezas, a perspectiva de estabilidade econômica mundial pode ajudar muito o Brasil", diz.

O economista da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Fernando Holanda, também acredita nos prejuízos que a guerra causará para o Plano Collor, num momento em que o quadro é de falta de credibilidade na política econômica do Governo. "Sempre que um plano de estabilização fracassa, a população lança mão da indexação para se defender dos efeitos inflacionários. No Brasil, o preço dos combustíveis agem como termômetro da inflação futura.